

A Centralidade da Categoria Região na Geografia de Milton Santos

The Centrality of the Category of Region in Milton Santos's Geography

La Centralidad de la Categoría Región en la Geografía de Milton Santos

Hugo Aureliano da Costa¹

RESUMO: Na vasta obra de Milton Santos, destacam-se categorias como espaço geográfico, lugar, eventos, território usado, período e meio técnico-científico-informacional. No entanto, são escassos os estudos que discutem a categoria região a partir das bases teóricas miltonianas. Em função dessa lacuna, este estudo objetiva analisar como Milton Santos aborda a categoria região desde os anos 1970 até suas últimas obras. A análise baseia-se nos livros publicados ou traduzidos pelo autor em português nos quais essa categoria é mencionada e debatida. A ordem de citação dos livros segue a sequência cronológica por décadas, de modo a evidenciar a evolução da concepção de região proposta pelo autor, demonstrando seus limites, relevância e possibilidades. Além disso, argumenta-se que esse conceito ocupa posição central no escopo teórico e na *demarché* miltoniana, sobretudo nos últimos estudos, pois se articula com outras categorias e desempenha papel essencial no sistema coerente de ideias do autor. Conclui-se que Milton Santos realiza um esforço teórico para redefinir a categoria região, tornando-a operacionalizável e articulada à realidade.

PALAVRAS-CHAVES: região; Milton Santos; epistemologia.

ABSTRACT: In the vast work of Milton Santos, categories such as geographical space, place, events, used territory, period, and the technical-scientific-informational milieu stand out. However, studies that discuss the category of region based on Santos' theoretical foundations are scarce. Due to this gap, this study aims to analyze how Milton Santos approaches the category of region from the 1970s to his latest works. The analysis is based on books published or translated by the author into Portuguese in which the category is mentioned and debated. The citation of the books follows a chronological sequence by decade, in order to highlight the evolution of the concept of region proposed by the author, demonstrating its limits, relevance, and possibilities. Furthermore, it is argued that this concept occupies a central position within Santos' theoretical framework, especially in his later works, as it is interconnected with other categories and plays an essential role in the coherent system of ideas proposed by the author. It is concluded that Milton Santos makes a theoretical effort to redefine the category of region, making it operational and closely linked to reality.

KEYWORDS: region; Milton Santos; epistemology.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor efetivo de Geografia na Rede Municipal de Natal/RN (SME). E-mail: aureliano.hugo@gmail.com.

RESUMEN: *En la vasta obra de Milton Santos, destacan categorías como espacio geográfico, lugar, eventos, territorio usado, período y medio técnico-científico-informacional. Sin embargo, son escasos los estudios que analizan la categoría de **región** a partir de las bases teóricas de Santos. Debido a esta laguna, este estudio tiene como objetivo analizar cómo Milton Santos aborda la categoría de región desde la década de 1970 hasta sus últimas obras. El análisis se basa en los libros publicados o traducidos por el autor al portugués en los cuales se menciona y debate la categoría. La citación de los libros sigue un orden cronológico por décadas, con el fin de evidenciar la evolución de la concepción de región propuesta por el autor, mostrando sus límites, relevancia y posibilidades. Además, se argumenta que este concepto ocupa una posición central dentro del marco teórico de Santos, especialmente en sus últimos estudios, ya que se articula con otras categorías y desempeña un papel esencial en el sistema coherente de ideas propuesto por el autor. Se concluye que Milton Santos realiza un esfuerzo teórico para redefinir la categoría de región, haciéndola operacional y vinculada a la realidad.*

PALABRAS-CLAVE: *región;-Milton Santos; epistemología.*

INTRODUÇÃO

Milton Santos (1926-2001) foi um dos principais geógrafos da história. Intelectual reconhecido mundialmente, desenvolveu conceitos e ideias que reverberam até os dias atuais, sobretudo relacionadas à globalização, desigualdades socioespaciais e urbanização, bem como aspectos teórico-metodológicos da ciência geográfica. Em sua obra máxima, *A Natureza do Espaço* (Santos, 2012), afirmou que a Geografia deve ser estabelecida a partir de uma família de conceitos e de um sistema de ideias descritivo e interpretativo que permita apreender a realidade.

Ao longo de sua trajetória, Milton Santos se preocupou em demonstrar como a Geografia deve superar a proposição da simples localização dos fenômenos. Nesse sentido, instituiu e debateu acerca de noções e categorias que poderiam contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos socioespaciais, possibilitando a Geografia se transformar em uma ciência capaz de decifrar a dinâmica socioespacial.

Queiroz (2014), Callai e Zeni (2011) e Moraes (2013) apontam o espaço geográfico, o lugar, o território usado, o período e o meio técnico-científico-informacional como categorias centrais na obra de Milton Santos. Embora a noção de região perpassasse a produção intelectual de Milton Santos desde os anos 1970, são escassos os estudos que examinam sistematicamente essa categoria sob as bases miltonianas – com exceção de Brito (2007), Bernardes (2020) e Oliveira (2020) – e mais raros os trabalhos que destacam a região como categoria central do pensamento de Milton Santos.

Em virtude dessa ausência, este estudo, inspirado por Moraes (2013), objetiva discutir como Milton Santos aborda a categoria região a partir dos anos 1970 até suas últimas obras. Defende-se que essa categoria, ao contrário do que é estabelecido por alguns autores (Castro, 2002; Gomes, 2023), exerce centralidade no escopo teórico e na *demarché* propostas

por Milton Santos, especialmente em suas últimas obras, pois se articula e tem papel essencial no sistema coerente de ideias proposto pelo autor.

Para operacionalizar esse estudo, realizou-se uma análise crítica e cronológica da produção intelectual desse importante geógrafo, consultando livros publicados ou traduzidos para o português em que a categoria região é mencionada e debatida. Após a análise dos livros publicados de 1959 em diante, delimitaram-se algumas obras para aprofundar o debate regional. Além de *O Centro da Cidade de Salvador* (Santos, 2008a) e *A Cidade nos países subdesenvolvidos* (Santos, 1965), as quais evidenciam a concepção clássica de região de Milton Santos, foram examinadas obras fundamentais como *Por Uma Geografia Nova* (Santos, 2021) e *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo* (Santos, 2013b), que marcam o rompimento com a concepção clássica; *Espaço e Método* (Santos, 2020) e *Metamorfoses do Espaço Habitado* (Santos, 2008b), que iniciam a redefinição do conceito; e as obras de maturidade *Técnica, Espaço, Tempo* (Santos, 2013a) e *A Natureza do Espaço* (Santos, 2012), cuja categoria região atinge sua maior complexidade e centralidade, culminando na aplicação prática da divisão regional brasileira em *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI* (Santos; Silveira, 2021).

Assim, a fim de evidenciar como a região é uma categoria central para o pensamento de Milton Santos, o presente ensaio se divide em quatro seções. A primeira seção demonstra o rompimento de Milton Santos com o conceito tradicional de região durante a década de 1970. A segunda aborda os anos 1980, quando o autor redefine essa categoria a partir da forma-conteúdo e das funções econômicas. A terceira seção analisa a complexificação do conceito de região nos anos 1990, com destaque para os arranjos espaciais, solidariedades e acontecimentos. A quarta seção rebate as principais críticas sobre a região miltoniana, apresentando ponderações e reafirmando sua centralidade.

ANOS 1970: ROMPIMENTO E NOVAS PERSPECTIVAS

Os primeiros estudos de Milton Santos baseiam-se na concepção clássica de região, inspirada por autores como Pierre George, Vidal de La Blache, Michel Rochefort, André Cholley, dentre outros. A obra *O Centro da Cidade de Salvador* (Santos, 2008a), fruto de sua tese de doutorado, discute a relação entre centro e região no âmbito dos estudos clássicos regionais. Ideias como zona, organização sub-regional e formação histórica refletem a compreensão regional do autor nesse período, pois Milton Santos considerava a organização regional resultava do desenvolvimento histórico, isto é, “[...] a formação e o desenvolvimento da região e do organismo urbano são intimamente ligados, do mesmo modo que os diferentes elementos deste último o são no interior da cidade” (Santos, 2008a, p. 27-28). Assim, o

elemento formativo/histórico se tornava preponderante para a constituição regional, uma vez que essa era longamente elaborada, o que permitia ao homem se constituir com a sua região.

Outros estudos dos anos 1960 continuam a tratar da região com base nessa perspectiva. Segundo Moraes (2013), o livro *A Cidade nos países subdesenvolvidos*, de 1965 (Santos, 1965), evidencia como nesse primeiro momento a produção intelectual miltoniana estava fortemente relacionado ao debate clássico da Geografia Tradicional. Nesse estudo a região foi central na elaboração teórica de Milton Santos, já que se inspirava nos mestres franceses, sobretudo Pierre George, Jean Tricart e Max Sorre. O autor trata a região sob os moldes clássicos, relacionando o homem ao meio em virtude da constituição da cidade com o urbano. Dessa forma, Milton Santos compreende a região pela organização da cidade com seu entorno, isto é, “as formas de organização do espaço regional pelas cidades não são do mesmo modo. (...) O fato comum é a presença de uma grande cidade, dominando largamente um intenso território, onde a sua influência se faz discutir sem discussão” (Santos, 1965, p. 23).

O protagonismo da categoria da região é, *per se*, evidente. Por esse motivo esse artigo não se aprofundará nessas discussões, uma vez que é consenso entre autores da importância nessas obras do caráter da região, como exemplificam, por exemplo, Maria Auxiliadora da Silva e Fábio Santos da Silva (2004) e Moraes (2013).

O rompimento com essa perspectiva clássica regional ocorre na obra *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*, publicada em 1971 (Santos, 2013b). Esse livro, conforme Tavares e Silva (2011, p. 140), representa o “[...] primeiro esforço do autor no sentido de contestar a Geografia Francesa e os seus conceitos ‘já tornados categorias fixadas’”. É por isso que essa obra será o ponto de partida deste ensaio. Embora autores como Castro (2002) afirmem que a região esteve em segundo plano na proposição teórica do autor, este artigo defende que esse livro é um marco para o delineamento de uma nova concepção de região por Milton Santos. A análise dessa obra objetivará refletir sobre as bases e rupturas da concepção de região.

Em *O Trabalho do Geógrafo do Terceiro Mundo* (Santos, 2013b), Milton Santos inicia com a reflexão sobre a dualidade entre a Geografia Geral e a Geografia Regional. Para o autor, por causa das transformações no mundo, a Geografia Regional não pode estimar a região como a simples relação entre o homem e o meio, pois essa compreensão está equivocada, uma vez que “[...] os progressos realizados no domínio dos transportes e das comunicações, bem como a expansão da economia internacional [...] explicam a crise da noção clássica de ‘região’” (Santos, 2013b, p. 16). Isso significa que “[...] a região já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna. Definida sobretudo do interior, seus limites mudam em função dos critérios que lhe fixamos” (Santos, 2013b, p. 16). Segundo Milton

Santos, os processos derivam de outras localidades e, por causa desse fato, a região não deve ser explicada por suas relações internas, nem pela exclusiva constituição dos processos históricos internos, tendo em vista que sua função está relacionada aos processos externos, daí a ausência de autonomia regional na realidade.

Com isso, o autor compreende que a região sob o ponto de vista clássico está imbuída de fragilidades e que o conteúdo regional mudou; logo, como pontua em todo seu texto, os conceitos (abstratos) devem se adequar ao concreto, isto é, à realidade. A realidade não pode ser explicada apenas regional ou localmente, porque processos externos influenciam a localidade e isso fragiliza a concepção clássica regional. Nesse momento da produção teórica, Milton Santos compreende que “[...] os modelos realizam, assim, o encontro do concreto com o abstrato, da doutrina com o empírico” (Santos, 2013b, p. 37), ou seja, são os modelos quem irão apreender a realidade.

Além disso, como terceiro ponto mencionado referente à região/debate regional, o autor critica a concepção de região baseada na cultura ou em elementos que evocam o passado. Segundo Santos (2013b, p. 45), “[...] como a cidade ou a região constituem laboratórios onde o presente depressa se transforma no futuro, um pesquisador voltado de preferência para o passado acabará por elidir os principais termos da questão”. Na região se deve apreender o presente sob o ponto de vista econômico. Assim, a ideia de identidade regional é suplantada na concepção miltoniana de região, fato que se reverbera até suas últimas formulações. Para Santos, a região existe sob o ponto de vista funcional e “[...] o enfoque econômico obriga a uma visão dinâmica da realidade” (Santos, 2013b, p. 47). Isso resulta na centralidade do enfoque econômico para a compreensão e entendimento das regiões. Apesar da problematização do conceito, o autor não aprofunda em exemplos, preferindo trabalhar com a ideia de redes urbanas.

Outra obra em que o autor versou sobre as regiões foi *Por Uma Geografia Nova*, publicada em 1978. Nesse livro, Milton Santos (2021) trata novamente da falência da Geografia clássica e do debate regional apresentado por essa corrente da Geografia. O geógrafo menciona que “[...] a ideia de região deve estar no centro de um debate renovado” (Santos, 2021, p. 39) e novamente pontua que o comportamento regional existe face às exigências externas, sobretudo dos países desenvolvidos para com os países subdesenvolvidos. Milton Santos menciona que a região não é mais uma realidade dotada de coerência interna, já que ela é “definida do exterior” (Santos, 2021, p. 40). A partir desse entendimento, afirma que, “[...] nessas condições, a região deixou de existir em si mesma” (Santos, 2021, p. 40). Nesse sentido, para explicar a região sob o ponto de vista da Geografia é necessário delinear a “[...] totalidade dos fenômenos econômicos, sociais ou políticos que a constituem” (Santos, 2021, p. 82), caso não faça isso, corre-se o risco “[...] de tornar-se mero estudo de aspectos, uma pobre descrição” (Santos, 2021, p. 82).

Logo, a totalidade se torna uma peça-chave para o entendimento regional. O autor estabelece que a totalidade universal corresponde à formação socioespacial e compreende que a região é entendida apenas relacionada ao todo. Percebe-se nesse momento uma maior desconstrução do conceito de região, com a reflexão sobre algumas possibilidades e uma menor proposição conceitual. Esse período elucida a preocupação do autor em demonstrar que o fenômeno regional se complexificou, esgotando as interpretações da região sob o ponto de vista tradicional – com coerência exclusiva interna e influenciada demasiadamente pela história/identidade regional. Entretanto não há ainda exemplificação sobre como esse conceito pode ser operacionalizado, isto é, o autor percebe a incapacidade da região clássica de analisar a realidade, mas não elabora novas compreensões para o fenômeno regional.

ANOS 1980: REGIÃO E NOVAS COMPREENSÕES

Na década de 1980, Milton Santos procura redefinir a categoria região. Mais do que demonstrar a invalidez do conceito do ponto de vista tradicional, o autor passa a propor chaves para a compreensão da região. No livro *Espaço e Método*, publicado em 1985, o autor trata da região em alguns de seus capítulos e formula uma nova compreensão do fenômeno regional.

A primeira reflexão que Milton Santos (2020) elabora diz respeito às categorias forma, função, estrutura e processo. O autor postula que são essas as categorias do método geográfico que devem ser utilizadas em conjunto, independente do fenômeno. Segundo Santos (2020, p. 70), “[...] é impossível analisar uma região ou área limitando-se a um desses conceitos – por exemplo, a estrutura ou a função sem a consideração pelos demais fatores”. Com isso, o autor compreende que a organização espacial e a região necessitam ser entendidas pela síntese desses conceitos, afinal juntos representam a totalidade na qual está se analisando.

O capítulo 6 desse livro (Santos, 2020) trata especificamente de “Uma discussão sobre a Noção de Região”. O autor aborda que a noção de região entrou em crise, pois os fenômenos não são explicados internamente e os países se tornaram regionalmente desiguais, gerando problemas e polarizações para a economia. Isso refletiu no debate sobre a questão regional e a produção nas regiões. Segundo Santos (2020, p. 89), “[...] uma região é, na verdade, o *lócus* de determinadas funções da sociedade total em um momento dado”. Ainda pontua que, “[...] dentro de uma região, os capitais fixos são geografizados segundo uma lógica” (Santos, 2020, p. 89). Essa lógica pode ser regional ou pode estar ligada ao funcionamento da economia nacional como um todo. A região se torna um subespaço onde

se realiza de determinada maneira um número de atividades. Dessa forma, com base na articulação entre os fixos e as distintas relações sociais,

[...] a região se definiria, assim, como o resultado das possibilidades ligadas a uma certa presença, nela, de capitais fixos exercendo determinado papel ou determinadas funções técnicas e das condições do seu funcionamento econômico, dadas pela rede de relações acima indicadas” (Santos, 2020, p. 90).

Nesse contexto, a região é gerada pelo funcionamento da combinação de capitais fixos, funções e redes. Por esse motivo, o “[...] regional seria dado exatamente por tais formas, consideradas, porém, como formas-conteúdo e não como formas vazias” (Santos, 2020, p. 90). Observa-se a influência das relações ligadas às lógicas de funcionamento desse subespaço do ponto de vista econômico. Portanto, nesse momento, para Milton Santos, as regiões são formas-conteúdo. É por isso que “[...] a região e o lugar são lugares funcionais do todo” (Santos, 2020, p. 92).

Com isso, as noções de região urbana e região agrícola são redefinidas. Por serem lugares funcionais do todo, as regiões passam a ser compreendidas como resultado das relações entre as áreas. No caso das regiões urbanas ou agrícolas, o importante para distingui-las é compreender o seu funcionamento, quem articula e qual a sua lógica espacial. Por exemplo, as regiões agrícolas “necessitam de aglomerações urbanas” (Santos, 2020, p. 93) e as regiões urbanas podem ser contíguas ou não. O que articula essas áreas é o elemento mais essencial para defini-la como região. Daí que não se pode mais falar em oposição entre urbano e rural, mas sim em complementaridade.

Nesse contexto, a análise da região exige o entendimento “[...] das diversas articulações concretas que regem a sua existência, seu funcionamento e sua estrutura” (Santos, 2020, p. 95). Observa-se, em mais uma obra, a relevância do aspecto econômico para a compreensão da região. Novamente o autor não pontua elementos como identidade e cultura para definir a região; pelo contrário, ela é debatida com base na forma-conteúdo, fixos, redes e articulações.

Em 1988, Milton Santos publica outro livro importante: *Metamorfoses do Espaço Habitado*. Nessa obra, o autor argumenta que atualizar categorias científicas é essencial para ter ferramentas de análises que permitam compreender fenômenos socioespaciais. A preocupação da atualização é imprescindível e, por isso, a região necessita ser entendida com bases mais atuais do mundo. O autor menciona que “[...] compreender uma região passa por entender como funciona a economia em nível mundial e rebatê-la no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia” (Santos, 2008b, p. 52 e 53). Percebe-se novamente que o autor tensiona a constituição das regiões aos elementos externos, pois são indissociáveis da explicação do fenômeno regional. Com isso, “[...] estudar uma região significa penetrar num mar de relações,

formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interações e contradição” (Santos, 2008b, p. 53). Apesar da tendência da mundialização do capital, o mundo não se homogeneíza, ao contrário, particulariza-se e esse movimento é essencial em virtude das possibilidades da existência de especificidades, que resultam nas regiões.

É nesse sentido que Milton Santos estabelece que “[...] a região torna-se uma importante categoria de análise” (Santos, 2008b, p. 53), haja vista que elenca a forma de produzir e de articular fenômenos. Em razão disso, “[...] não podemos desprezar essa importante via de compreensão da realidade. Hoje a região, o regional, a regionalização têm de ser assim entendidos” (Santos, 2008b, p. 53). As leituras que afirmam que a categoria região não é central para Milton Santos são negadas pelas palavras do próprio autor, que compreende o fenômeno regional como imprescindível para o funcionamento do todo, uma vez que resulta da articulação de áreas.

Santos (2008b, p. 54) também afirma que “[...] num estudo regional deve se tentar detalhar sua composição como organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos, para reconhecer como a área se insere na ordem econômica internacional”. Ele menciona que as relações mudam de forma e conteúdo, com as regiões se conectando a áreas distantes. Esse eixo de análise é próximo ao que se discutiu nos anos 1970, porque demonstra que a região tem articulações internas e externas.

Nota-se a evidente influência da noção de funcionalidade e da ideia de região funcional na compreensão do fenômeno regional na década de 1980 por parte de Milton Santos. Nessa década o autor formula críticas às concepções clássicas da categoria região, mas, diferentemente da década anterior, propõe entendimentos acerca da região. O referido geógrafo argumenta que a região corresponde à forma-conteúdo dos fenômenos espaciais, principalmente com base nas articulações econômicas que não se restringem às áreas próximas.

ANOS 1990: A COMPLEXIFICAÇÃO DA REGIÃO

Assim como ocorre com a passagem dos anos 1970 para os anos 1980, na década de 1990 a compreensão de região, por parte de Milton Santos, redefine-se. O autor evidencia preocupação para atualizar conceitos com o objetivo de aproximá-los da realidade. Por isso a metamorfose da região e a constante redefinição, na tentativa de compreensão da região, por parte do referido autor.

Em 1994, Milton Santos lança a obra *Técnica, Espaço, Tempo* (Santos, 2013a). Nesse livro, o autor afirma que, apesar da globalização, não há homogeneização do globo. A globalização e a fragmentação são indissociáveis, pois o mundo, ao se realizar nos lugares,

não se estabelece de maneira homogênea em todas as localidades, porque o espaço se fragmenta. Além disso, o autor também menciona pela primeira vez que a região é compreendida de maneira equivalente a uma solidariedade organizacional. Segundo Milton Santos (2013a, p. 33), “[...] o lugar, a região não são mais frutos de uma solidariedade orgânica, mas de uma solidariedade organizacional”. Nesse sentido, a contiguidade regional não é mais um fator definidor da região, em virtude da proximidade espacial dos fenômenos, como era anteriormente. Hoje é a organização do fenômeno, articulado em redes, que resulta em uma região.

Essa discussão referente à solidariedade é retomada em outro momento, pela união da verticalidade e da horizontalidade. Outro ponto que demonstra o destaque da categoria região nesse período é quando o autor vai estabelecer nesse livro quais os três níveis de análise dos fenômenos socioespaciais. De acordo com Santos (2013a, p. 122), os níveis de análise são, a saber: “1. O nível planetário (mundial); 2. O nível nacional (do Estado-Nação); 3. O nível regional e local”. Destarte, a especificidade da análise ocorrerá mediante o lugar ou a região, que se distinguem pelas diferentes formas-conteúdo, isto é, o lugar apresenta a dimensão do vivido/comunicacional e a região se estabelece mediante as articulações econômicas entre os lugares. É em virtude disso que há protagonismo dessas categorias no sistema coerente de ideias miltoniano.

Observa-se, desse modo, novos elementos propostos pelo autor como chaves da compreensão regional: solidariedade organizacional e a região enquanto nível de análise, evidenciando como o autor redefine esse conceito em uma clara evolução.

Na sua principal obra, *A Natureza do Espaço* (Santos, 2012), Milton Santos trata da região mediante alguns (novos) aspectos. Nesse livro há o amadurecimento das concepções teóricas do autor e a região também é elaborada com esses pressupostos. Na introdução desse livro, Milton Santos (2012) estabelece que a região representa, assim como o lugar, as redes e as escalas, um recorte espacial. Com isso, é nas regiões onde as categorias internas e externas do espaço geográfico se realizam.

De todo modo, para Milton Santos (2012, p. 165), “[...] a região e o lugar, aliás, definem-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente”. O autor menciona que:

[...] a região e o lugar não têm existência própria. [...] A cada momento histórico, tais recursos são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região ou lugar sua especificidade e definição particular (Santos, 2012, p. 165).

Dessa maneira, a região é onde o mundo se realiza, pois une todas as particularidades do fenômeno. A região é o resultado, possibilidade e oportunidade da funcionalização do mundo.

Milton Santos pontua que hoje é mais difícil distinguir lugar de região, dado que lugares também podem ser, em alguns momentos, regiões, como exemplificam as cidades grandes. Os lugares correspondem ao resultado entre as horizontalidades e as verticalidades, enquanto as regiões se vinculam aos diferentes acontecimentos econômicos no espaço. Para o autor, há três tipos de acontecimentos – vinculados à solidariedade, isto é, organização dos fenômenos: acontecer homólogo, acontecer complementar e acontecer hierárquico. Os seguintes exemplos podem ser mencionados:

[...] numa região agrícola, esse acontecer solidário é homólogo. Mas, numa mesma cidade, dominada por uma mesma produção industrial, é possível identificar esse acontecer homólogo. Nas relações entre a cidade e o campo, ele é complementar como também nas relações interurbanas. E há, também, o acontecer hierárquico, resultante das ordens e da informação provenientes de um lugar e realizando-se em um outro, como trabalho. É a outra cara do sistema urbano. Não é que haja um lugar comandando um outro, senão como metáfora. Mas os limites à escolha de comportamentos num lugar podem ser devidos a interesses sediados em um outro (Santos, 2012, p. 166).

As regiões têm, desse modo, características diferentes, uma vez que podem se relacionar por meio de forças centrípetas (acontecimentos homólogos e complementares), bem como por meio de forças centrífugas (acontecer hierárquico). Isso evidencia que:

[...] tanto o acontecer homólogo quanto o acontecer complementar supõem uma extensão contínua, na cidade e no campo sendo a contiguidade o fundamento da solidariedade. Já no caso do acontecer hierárquico, as relações podem ser pontuais. Aqui, a solidariedade independe da contiguidade. É a diferença entre proximidade espacial e proximidade organizacional (Santos, 2012, p. 167).

É nesse sentido que as regiões se tornam imbuídas das horizontalidades e verticalidades, afinal são resultantes dos processos locais, regionais, nacionais e globais, mediante a funcionalização dos diferentes acontecimentos. As relações regionais são complexas, pois podem ser contíguas ou reticulares. É a organização quem demonstra, portanto, o recorte regional. No próprio texto, Milton Santos critica os autores que afirmam haver a inexistência da região:

[...] na mesma vertente pós-moderna que fala de fim do território e de não-lugar, inclui-se, também, a negação da ideia de região, quando, exatamente, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização (Santos, 2012, p. 246).

É plausível afirmar que as regiões anteriormente eram compreendidas como fenômenos orgânicos e históricos. Essa característica não existe mais no mundo atual. Isso não significa que as regiões não mais existam. Para Santos (2012, p. 246), as regiões são tão significativas quanto eram antes, porque “[...] as regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizariam. Agora, exatamente, é que não se pode deixar de considerar a região”.

A região persiste como categoria fundamental. Segundo Milton Santos, a forma e conteúdo regional se redefiniram. É a coerência funcional, isto é, a estruturação pela solidariedade e interação espacial quem demonstra o caráter regional. Com isso, há “[...] uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões. Mas o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional, que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não” (Santos, 2012, p. 247).

O conteúdo regional se complexifica. Sua forma-conteúdo modifica-se com maior facilidade e é por isso que a “[...] região, apenas ela muda de conteúdo. A espessura do acontecer é aumentada, diante do maior volume de eventos por unidade de espaço e por unidade de tempo. A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem” (Santos, 2012, p. 247). Portanto, Milton Santos estima que o caráter regional continua, mesmo com sua complexificação. A coerência funcional corresponde a integração funcional entre os elementos do espaço.

Além desse entendimento, o autor menciona mais um aspecto para se pensar a região: o autor, em vez de usar a palavra articulação, utiliza o termo solidariedade, que corresponde às articulações, integração e interação entre os elementos do espaço geográfico. Milton Santos argumenta que:

[...] na caracterização atual das regiões, longe estamos daquela solidariedade orgânica que era o próprio cerne da definição do fenômeno regional. O que temos hoje são solidariedades organizacionais. As regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam um dos fundamentos da sua existência e definição (Santos, 2012, p. 285).

A solidariedade orgânica corresponde a forma contígua de os elementos do espaço se relacionarem. A solidariedade organizacional, por sua vez, tem nas relações entre diferentes elementos, sem necessariamente haver proximidade espacial, sua maior representatividade. A coesão/coerência funcional significa que os elementos estabelecerão relações. Por esse motivo, a região corresponde à coerência funcional entre os seus elementos. Apesar disso, algumas áreas, em virtude dos arranjos espaciais, continuam com elementos

majoritariamente locais, embora a maior parte das regiões não tenha mais essa característica. O problema para alguns autores é pensar a região apenas por meio da caracterização orgânica, pois, diante de sua complexidade, a solidariedade organizacional também demonstra forte evidência. Por isso que,

[...] nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas (Santos, 2012, p. 284).

As solidariedades entre os lugares são quem definem as regiões e sua existência ocorre “[...] porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional” (Santos, 2012, p. 285). Dessa forma, Milton Santos evidencia a centralidade da região em seu principal livro, *A Natureza do Espaço*. O referido autor demonstra a evolução teórica da sua concepção de região, trazendo novos elementos para a compreensão do fenômeno regional, como, por exemplo: arranjos espaciais, solidariedades e acontecimentos, o que revela uma maior preocupação do autor em redefinir a região e ter a possibilidade de operacioná-la.

Além desses livros, há também um artigo muito relevante em que Milton Santos debateu a respeito da região, cujo título é “*Região: Globalização e Identidade*”, escrito em 1996 e publicado em 2003. Nesse artigo o autor discute com maior profundidade alguns elementos que não foram debatidos no livro *A Natureza do Espaço*, além de ratificar outras discussões relacionadas à região.

Mais uma vez o autor defende a importância atual das regiões para o mundo. Segundo Milton Santos, as regiões são elementos intrínsecos ao espaço, pois “[...] o tempo é dividido em períodos e o espaço é dividido em regiões” (Santos, 2003, p. 57). Apesar disso, como os eventos reestruturam o espaço, o conteúdo regional também se modifica com a mudança dos períodos. Assim, “[...] os recortes que constituem o mundo divididos em regiões são renovados a cada momento forte da história” (Santos, 2003, p. 57).

Atualmente, com o período técnico-científico-informacional, há uma maior fragmentação do espaço e, em virtude dessa característica, “[...] a globalização conduz à generalização do fato regional” (Santos, 2003, p. 59). Logo, não é possível afirmar a inexistência das regiões,

pelo contrário, no espaço geográfico sempre haverá regiões. Essa “[...] se define pela solidariedade que se estabelece dentro dela a partir de uma organização. A solidariedade deixa de ser orgânica – o produto de uma gestação que resulta da própria vida das variáveis em presença – e passa a ser produto de uma organização” (Santos, 2003, p. 59). Portanto, além das regiões se reestruturarem espacialmente, sua própria definição se alterou, porque a solidariedade organizacional e os acontecimentos elevaram essa complexidade, uma vez que ela resulta da organização econômica atual.

Nesse artigo o autor debate uma nova correlação: a articulação para o conteúdo regional entre norma e forma (Santos, 2003). Para Santos (2003, p. 61), “[...] hoje o conhecimento da região passa por duas noções centrais: a forma e a norma”. A forma se refere ao que existe efetivamente e a norma corresponde ao conjunto de regras utilizados em relação a ela. Por isso que “[...] é a forma que vai decidir o âmbito de uma ação. E as ações são mais ou menos eficazes, segundo a norma seja mais ou menos adequada a elas. A norma é o catálogo de autorização para fazer ou de proibição de fazer neste mundo da chamada desregulação” (Santos, 2003, p. 61). Ao articular norma e forma, o autor possibilita compreender a região a partir do debate do planejamento regional pelo/do Estado, pois este pode conceber a região como uma norma. Essa norma intervém na forma/realidade (que também é uma região) e dessa maneira essas duas categorias podem ser pensadas no debate regional.

Com isso, o conteúdo da categoria região para Milton Santos evoluiu em relação às décadas anteriores. O autor propôs articular a região com as ideias de arranjos espaciais, solidariedades e acontecimentos. Além disso, mencionou a importância da forma/norma para a instituição da categoria região em diferentes contextos. Observa-se, mais uma vez, que a ideia de identidade regional é suplantada pelo autor. A região é compreendida pela coerência funcional dos seus elementos perante as solidariedades orgânica e, em especial, organizacional, bem como dos distintos acontecimentos. Nessa década, o autor operacionaliza de modo mais exemplar o conceito, articulando-o a uma série de ideias com grande influência da região funcional, mas percebendo a região sob o ponto de vista principalmente econômico. O autor não elucida a questão da identidade regional, porque, como percebido nesse tópico, a região se refere a integração econômica e socioespacial dos elementos do espaço.

DEBATE SOBRE A CENTRALIDADE DA CATEGORIA REGIÃO PARA MILTON SANTOS: CRÍTICAS E PONDERAÇÕES

Alguns estudos criticam a concepção de região de Milton Santos. O ensaio “A região como problema para Milton Santos” (Castro, 2002) é possivelmente o estudo crítico mais citado sobre essa categoria. De acordo com a autora,

[...] na realidade, a centralidade da noção de totalidade nas reflexões de Milton Santos impediu a possibilidade ontológica de pensar a região como um recorte significativo para qualquer nível de explicação em geografia. No entanto, a região tornou-se uma noção paradoxal: esvaziou-se como conceito empiricamente útil para explicar as diferenças, mas permaneceu como vocábulo indicativo de um recorte espacial tomado para um determinado fim analítico (Castro, 2002, p. 3).

Discorda-se dos dois pontos. Conforme visualizado nesse artigo, a região é um recorte significativo, categoria central e operacionalizável para Milton Santos. O autor não relega à secundariedade a categoria região dos anos 1980 em diante. A região, para Milton Santos, não perde capacidade explicativa, ao contrário, é um nível de análise a uma maneira de funcionalização do mundo, explicada pela sua coerência funcional.

Segundo Castro (2002, p. 4), há um “[...] lugar secundário reservado em sua obra para o conceito de região”, referindo-se a Milton Santos. Percebeu-se neste artigo que o próprio autor (Santos, 2003, 2008b, 2012) em vários estudos estabelece a região como uma categoria central e um nível de análise imprescindível para a compreensão do mundo.

Por fim, a terceira evidente crítica da autora acerca da região diz respeito à ausência do aspecto cultural no debate sobre as regiões. Por isso, “[...] a determinação da categoria de modo de produção, da forma como foi assimilada pela geografia crítica miltoniana, levou a romper-se também com qualquer possibilidade de densidade cultural, política ou histórica dos recortes regionais” (Castro, 2002, p. 3). O principal ponto a argumentar nesse sentido é que Milton Santos, em seu sistema coerente de ideias, tem no lugar a categoria que se vincula à densidade cultural – e não a região. A região é compreendida com base nos aspectos econômicos e isso é uma escolha do autor, uma vez que delega ao lugar os aspectos relacionados à horizontalidade dos sujeitos.

Cunha, Simões e Paula (2005) orientaram sua análise com enorme criticidade acerca da dimensão regional elaborada por Milton Santos. Segundo esses autores, “[...] o conceito de região em Milton Santos não só estaria dissolvido pelo foco na inserção do local no total, como cerceado pela leitura da funcionalidade a orientar o recorte, intimamente preso assim à dinâmica dos processos sócio-econômicos” (Cunha; Simões; Paula, 2005, p. 16). Assim, o argumento principal dos referidos autores é que a região dependente da totalidade é um erro. No entanto, todos processos dialéticos vinculam-se ao todo, isto é, não há nenhum elemento espacial que não tenha influência de diferentes escalas. Assim, a região, o lugar, as redes, o território e o espaço, por consequência, são conceitos e/ou recortes espaciais que estão atrelados à totalidade, uma vez que o universal, o particular e o singular se convergem. Inclusive, Cunha, Simões e Paula também elucidam um ponto equivocados nesse artigo. Ao mencionar um outro artigo, esses autores argumentam que:

[...] o mais grave que se pode apontar acerca do referido artigo é uma certa confusão no que diz respeito ao tratamento do conceito de região pela geografia crítica e em particular por Milton Santos. Como se argumentou acima esta não é uma categoria não no pensamento desse autor, em função justamente do peso na totalidade (Cunha; Simões; Paula, 2005, p. 17).

Ora, no livro *Metamorfoses do Espaço Habitado* (Santos, 2008b), Milton Santos infere que a região é categoria central dos estudos geográficos, o que reafirma nas suas obras posteriores. Assim, esse é mais um argumento equivocado. Com isso, pode-se afirmar que a região é uma categoria importante do pensamento de Milton Santos com representação na realidade. Gomes também criticou o tratamento de Milton Santos e da Geografia marxista dado à região. Segundo o autor (Gomes, 2023, p. 66),

[...] de fato, da aproximação destes conceitos da economia política com a região não resultou um verdadeiro enriquecimento conceitual, visto que do enxerto dos instrumentos teóricos do materialismo histórico-dialético não surgiu um conceito de região efetivamente operacional e, muitas vezes, a ideia evolucionista e mecanicista predominou revestida de um vocabulário marxista.

Apesar dessa crítica, percebeu-se, nos estudos da década de 1990, uma preocupação operacional de Milton Santos acerca da região. Esse texto de Paulo César da Costa Gomes foi publicado pela primeira vez em 1995, embora essa crítica seja bastante citada atualmente. Portanto, o fato de ter sido publicado antes do livro *A Natureza do Espaço* pode ter contribuído para uma visão errônea acerca da teoria miltoniana, pois em sua obra máxima Milton Santos elucida pontos operacionais para se pensar a região sob a ótica dialética e econômica.

Em 2001, inclusive, houve a aplicação da concepção regional miltoniana na regionalização do Brasil, com a proposta dos “quatro Brasis”, na obra *O Brasil: Sociedade e Território no século XXI*, publicada em parceria com Maria Laura Silveira (Santos; Silveira, 2021). A instituição da regionalização para o Brasil ocorre com base nos preceitos econômicos. Essa divisão regional foi delimitada em virtude da “[...] difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional e nas heranças do passado” que se mantêm atualmente (rugosidades) e das relações estabelecidas com os espaços externos (Santos; Silveira, 2021, p. 278). A interpretação dos autores para a divisão regional corresponde a uma visão espacial pautada na constituição atual dos objetos e das ações. Quem distingue as áreas e permite as conexões é o espaço, por isso a constante é “[...] a tecnicidade dos objetos de trabalho [...], ao arranjo desses objetos e às relações daí resultantes. A constante é o espaço, isto é, um conjunto indissociável, solidário, mas também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos; Silveira, 2021, p. 278).

A divisão proposta por Santos e Silveira é vinculada ao aspecto econômico, o qual divide o Brasil em regiões Concentrada, Centro-Oeste, Amazônica e Nordeste. É a configuração

territorial aliada à coerência funcional das ações quem vai distinguir as características das regiões. É dessa forma que as regiões são pensadas por esses autores sob o ponto de vista das solidariedades e dos acontecimentos resultantes, o que evidencia a operacionalidade dessa categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se neste trabalho que a região ocupa posição central no debate teórico miltoniano. Após o rompimento com a Geografia Tradicional, Milton Santos elucida os limites da concepção clássica de região, enquanto relação homem e meio, demonstrando que os elementos externos são definidores da região. Sendo assim, menciona que forças globais caracterizam as regiões. Apesar da constatação, nesse primeiro momento há pouca proposição teórica acerca da região.

Nos anos 1980, por sua vez, Milton Santos revela uma visão dinâmica acerca da região. Procura unir a ideia de forma-conteúdo (forma, função, estrutura e processo) ao debate regional, percebendo-o enquanto funcionalização do mundo. Daí afirmar que a região compreende fixos e redes em articulação econômica. Evidencia-se, destarte, o processo de amadurecimento das proposições do autor.

Nos anos 1990 é quando ocorre o grande entrelaçamento e amadurecimento teórico miltoniano sobre a concepção regional. A região apresenta enorme relevância e há uma maior proposição teórica para o seu entendimento. Milton Santos a compreende por meio das distintas solidariedades, dos arranjos espaciais, dos acontecimentos e é vinculada à norma e à forma. Portanto, o conceito de região, sob as bases desse autor, demonstra uma clara evolução e centralidade.

Espera-se que esse artigo preencha uma lacuna a respeito do debate regional miltoniano e desfaça equívocos, pois a compreensão da região sob esses aspectos foi muito importante para o pensamento desse autor. Com isso, a região deve ser considerada uma categoria central para o pensamento da Geografia de Milton Santos.

Entretanto, cabe pontuar que, apesar da robusta teoria a respeito desse conceito, são necessárias atualizações para perceber como o conteúdo regional se estabelece hoje, porque o mundo se complexifica a cada instante, cabendo aos pesquisadores atuais avançarem sobre essas concepções de regiões, com o intuito de trazer novos elementos ao debate regional.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Antônio. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. **Formação (Presidente Prudente)**: Revista do Curso de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente, v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33081/formacao.v27i50.5775>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BRITO, Thiago Macedo Alves de. **Região**: leituras possíveis de Milton Santos. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti; ZENI, Bruna Schilindwein. A importância do lugar: construindo a cidadania na fábula perversa do globalitarismo de Milton Santos. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 19.1, p. 66-81, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/article/view/9/9>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- CASTRO, Iná Elias de. A região como problema para Milton Santos. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 6, n. 124, p. 1-5, sept. 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CUNHA, André Moreira; SIMÕES, Rodrigo Ferreira; PAULA, João Antônio de. **Regionalização e história**: uma contribuição introdutória ao debate teórico-metodológico. Belo Horizonte: UFMG: Cedeplar, 2005. Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20260.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023. p. 49-76.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na Geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.
- OLIVEIRA, Herbert Michel Pampolha de. A noção de região na obra de Milton Santos: do espaço absoluto ao espaço relacional. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, v. 7, n. 2, p. 3-17, jul./dez. 2020.
- QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 154-161, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.61589>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. São Paulo: Edusp, 2008a.
- SANTOS, Milton. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp, 2020.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2008b.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 2021.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Edusp, 2013a.
- SANTOS, Milton. **O Trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Edusp, 2013b.
- SANTOS, Milton. Região: globalização e identidade. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Conhecimento e reconhecimento**: uma homenagem ao geógrafo cidadão do mundo. Fortaleza: Eduece, 2003. p. 53-64.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SILVA, Fábio Santos da; SILVA, Maria Auxiliadora da. Uma leitura de Milton Santos (1948-1964). **Geosul**: Revista do Departamento de Geociências, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 157-189, 2004.

TAVARES, Matheus Avelino; SILVA, Aldo Dantas. Introdução ao pensamento de Milton Santos: reflexões sobre o "trabalho do geógrafo...". **GEOUSP**: espaço e tempo, São Paulo, n. 30, p. 139-148, 2011.

Recebido: maio de 2025.

Aceito: setembro de 2025.